

A Serenata

→ **Classificação dos Versos:**

- Caso, etnografia portuguesa.

→ **Assunto:** Numa noite escura uma serenata, a uma rapariga, é interrompida por um barulho infernal vindo, por volta da meia-noite, do cemitério...

→ **Palavras-chave:** almas, barulho, calcada, cântaros, caso, cemitério, cercar, costume, escuro, fio, fugir, Idanha-a-Nova, igreja, inferno, interromper, meia-noite, músicas, oferecer, puxar, rapariga, rapaz, serenata, tocadores, três, vulto, zebreira

→ **Região:**

- **Distrito:** Castelo Branco
- **Concelho:** Idanha-a-Nova
- **Localidade:** Zebreira

→ **Contador:**

- **Nome:** João Sousa
- **Data de nascimento:** 1926
- **Residência:** Zebreira

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri e Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Setembro de 2010
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Produção:** MEMORIAIMATERIAL cooperativa cultural CRL
- **Local de filmagem:** Biblioteca Municipal de Idanha-a-Nova.
- **Duração do vídeo:** 0:05:02

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Novembro de 2010
- **Palavras:** 681

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Novembro de 2010
- **Palavras:** 643

[A serenata]

«Eu queria também contar uma. Um pouco mais adiante, e já com estes colegas, e, então, já tocávamos todos.

Naquele tempo – isto já há cerca de sessenta e oito anos, à volta de setenta anos, que isto se passou –, naquele tempo, na Zebreira⁽¹⁾, havia o hábito dos rapazes solteiros oferecerem serenatas⁽²⁾ às raparigas com que queriam namorar, ou já namoravam, e... Era um hábito⁽³⁾! E, então, nós, tocadores, juntávamos todos e íamos dar as serenatas. Era só a partir da meia-noite!

E, então, uma noite, fomos dar uma serenata. [Risos]. Fomos dar uma serenata a... A uma rapariga que ficava aí uns duzentos metros do cemitério. [Na] Zebreira, o cemitério fica ao pé de uma baixa. E a rapariga morava ali, junto à igreja, um bocadinho cá mais alto. [Risos]. Começamos. – E as serenatas eram assim: as serenatas eram compostas por três músicas! E, se, por qualquer motivo, só fossem duas ou uma, era uma desfeita grande para a rapariga! Tinham que ser as três! Completas! – Então, chegava-se à porta das raparigas, dava[m]-se três pancadas na porta, com muita força, [risos]. E...E vinham. É claro, as raparigas... Quem tinha janela, muito bem! Quem não tinha, ouvia as músicas dentro de casa.

Bom, e lá estávamos nós. Numa noite tão escura, tão escura, que nós, nós uns com os outros, não nos víamos! Naquele tempo, ainda estava muito longe de haver luz eléctrica na Zebreira! [Risos]. De formas que era uma noite muitíssimo escura! E íamos a meio da, da serenata, da segunda música, e começamos a ouvir um barulho infernal! Uma coisa fora do normal àquela hora! Como disse à pouco, as serenatas começavam, sempre, a partir da meia-noite! Aquele barulho era uma coisa louca! – É que, naquele tempo, as ruas... [risos]... As ruas (não só aquela que ia directa ao cemitério), a, a calçada⁽⁴⁾ já muito antiga: era[m] altos e baixos, altos e baixos, pedras por aqui, pedras por ali, etc. – E a gente começou a ouvir aquele barulho... Uma coisa louca! Uma coisa louca mesmo! E a gente olhávamos uns para os outros e, e com medo! Bem, nós tínhamos que tocar três músicas! ‘Távamos no meio da segunda e, é claro, não queríamos dar o desgosto ao rapaz de não dar as três serenatas! E estávamos a (...)... O barulho começou a ser tanto, tanto, tanto! Aquilo era o inferno que vinha por aquela rua acima! E digo eu assim:

– *Eh, rapazes! Fugam! Que vêm aqui *almas do outro mundo*⁽⁵⁾!*

Fugiu tudo! Corremos para os lados da praça. Mas, quando ia correndo, eu faço assim, [olhou por cima do ombro], e vejo uma espécie de um vulto, atrás da igreja, a

querer-se levantar, assim... Aquilo, é como disse, era um... Escuridão completa! Mas via-se uma coisa de nova, assim um bocadito mais... Mais claro! E digo assim:

– *Parece que há ali qualquer coisa!!! Acho que há ali...* – Que eles já estavam fora do perigo, porque a gente ouvia aquela barulheira infernal era para os lados do cemitério! Pa⁽⁶⁾ rua acima!

Imediatamente fomos lá. Cercámos o fulano⁽⁷⁾! Era, então, um fulano que andava também pra⁽⁸⁾ querer namorar com a mesma rapariga! E queria dar o dissabor⁽⁹⁾ da serenata não ir até ao fim. [Risos]. Veja bem: tinha um rolo de fio enrolado a um braço, atou-o, as pontas do fio, lá, junto ao cemitério... – Naqueles tempos, usava-se muito o *cântaro de zinco*⁽¹⁰⁾! – (...) Eram cântaros velhos, uma grande porção de cântaros velhos (e depois tinham a parte da asa – a parte da asa!), tudo atado naquele [fio]. E aquela barulheira, que a gente ouvia, era uma data de cinco ou seis cântaros, assim presos, cada qual pela sua asa! Apanhavam a rua toda, por aí acima, a bater nas paredes, nas pedras, nas poças! De formas que era aquele grande barulho, aquele... E, então, era ele que tinha... Era ele que estava a dar cabo da serenata! E a ideia daquele homem! A gente chamava-lhe, por alcunha⁽¹¹⁾, o Bocage⁽¹²⁾...»

João Sousa, Zebreira, Idanha-a-Nova, Setembro de 2010

Glossário:

- (1) **Zebreira** – vila e freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, situada na região Centro de Portugal, sub-região da Beira Interior Sul, distrito de Castelo Branco.
- (2) **Serenata** – execução instrumental ou vocal feita à noite, em frente à casa ou sob a janela de alguém; também o nome dada a uma composição simples e melodiosa, feita de maneira a poder ser tocada numa serenata.
- (3) **Hábito** – uso, costume.
- (4) **Calçada** – conjunto de pedras que revestem uma rua ou caminho; rua empedrada.
- (5) **Almas do outro mundo** – fantasmas; espectros.
- (6) **Pa** – abreviatura de “para” (usada de modo informal e coloquial).
- (7) **Fulano** – pessoa incerta (uso coloquial).
- (8) **Dissabor** – causar contrariedade, desprazer, aborrecimento.
- (9) **Pra** – o mesmo que “para” (redução da preposição *para* usada de modo informal e coloquial).
- (10) **Cântaro de zinco** – Vaso grande, de bojo largo e arredondado, com gargalo, com uma ou duas asas, feito de folha, para armazenar líquidos.
- (11) **Alcinha** – nome que se usa no lugar do nome próprio de alguém ou que é acrescentado a esse nome e que respeita a alguma característica física ou moral do indivíduo ao qual se atribui.
- (12) **Bocage** – Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), poeta português.

Para a execução deste glossário consultaram-se: <http://aulete.uol.com.br>; <http://bemfalar.com>; <http://www.infopedia.pt>; <http://www.priberam.pt>; <http://www.significadodepalavras.com.br>